

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC OTAVIO MIGUEL DE MATTOS BARBOSA DA SILVA

FORÇAS NAVAIS NA GUERRA IRREGULAR:

Um estudo do emprego das forças navais norte americanas durante a Guerra do Vietnã, entre
1965 e 1975, à luz da teoria de Galula

Rio de Janeiro

2017

CC OTAVIO MIGUEL DE MATTOS BARBOSA DA SILVA

FORÇAS NAVAIS NA GUERRA IRREGULAR:

Um estudo do emprego das forças navais norte americanas durante a Guerra do Vietnã, entre
1965 e 1975, à luz da teoria de Galula

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval,
como requisito parcial para a conclusão do Curso
de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

2017

AGRADECIMENTOS

O trabalho científico é árduo, mas gratificante, pela sensação de gerar conhecimento e contribuir para o crescimento da humanidade. Mas, neste momento de conclusão do presente estudo, não seria verdadeiro afirmar que foi somente meu o esforço para gerar mais este conhecimento. Torna-se justo agradecer às pessoas que me proporcionaram esta realização:

À minha esposa, Elaine Cristina de Almeida Barboza, companheira fiel desde a minha entrada para a carreira naval, agradeço por todo seu apoio e amor. Sua serenidade e equilíbrio foram meu porto seguro durante esta jornada.

Às minhas filhas, Gabriela de Mattos Barboza da Silva e Isabela de Mattos Barboza da Silva, agradeço por entenderem minha ausência neste período e por manterem sempre seu amor incondicional à minha pessoa. Vocês são o que eu tenho de mais precioso nesta vida.

Ao meu orientador, CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima, agradeço a amizade, nascida em outros conveses e que sempre se pautou no respeito mútuo. Muito já havia aprendido com o senhor e nesta ocasião, em que me orienta nesta dissertação, não poderia ter sido diferente.

RESUMO

Este estudo tem como tema o planejamento e emprego de recursos militares na guerra irregular. Tendo o objetivo de torná-lo útil à Marinha do Brasil, caso venha a se envolver em um conflito desta natureza, seu propósito foi o de verificar o emprego das forças navais norte americanas durante a Guerra do Vietnã, entre 1965 e 1975. Para isso, foi utilizada a teoria formulada por David Galula quanto à Guerra de Insurgência, uma forma de guerra irregular, como perspectiva teórica, confrontando-a com a realidade dos fatos históricos ocorridos naquele conflito durante o período especificado. Em sua teoria, Galula afirma que o emprego de uma força naval neste tipo de guerra se limitaria ao bloqueio da costa, sendo a questão da nossa pesquisa verificar se isso realmente ocorreu no conflito em questão. Pudemos verificar que, neste caso, o emprego das forças navais norte americanas em tarefas diversas às operações de bloqueio não obtiveram êxito no que tange à guerra de contra-insurgência. Entretanto, não acreditamos que estes estudos sejam absolutos e sugerimos que, em pesquisas futuras, haja um enfoque maior no tempo ou no espaço, a fim de obter evidências não observadas nesta pesquisa. Sugerimos também que seja abordado o emprego de forças navais na guerra de contra-insurgência em conflitos mais recentes, quando as características peculiares deste tipo de guerra já sejam mais conhecidas. Finalmente, avaliamos que a teoria formulada por David Galula permanece atual e que a presente pesquisa tem potencial em auxiliar a Marinha do Brasil, caso venha a se envolver em uma guerra de contra-insurgência, principalmente na região amazônica, pelas características geográficas semelhantes ao Vietnã na época deste estudo.

Palavras-chave: Emprego de recursos militares. David Galula. Guerra Irregular. Insurgência. Contra-insurgência. Guerra do Vietnã. Emprego de Forças Navais.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	5
2	PERSPETIVA TEÓRICA.....	7
2.1	Biografia de David Galula.....	7
2.2	Diferenças entre a guerra convencional e a guerra revolucionária.....	10
2.3	O que é uma guerra revolucionária?.....	10
2.4	Características da insurgência.....	11
2.5	Forças navais empregadas na contra-insurgência.....	15
2.6	Conclusões parciais.....	16
3	ENTENDENDO A GUERRA DO VIETNÃ.....	18
3.1	Antecedentes históricos.....	18
3.2	O conflito contra os norte americanos.....	20
3.3	A conduta dos EUA na contra-insurgência.....	22
3.4	A conduta do Vietnã do Norte na insurgência.....	24
3.5	A participação das forças navais norte americanas na guerra.....	26
3.6	Conclusões parciais.....	32
4	COMPARAÇÃO DA TEORIA COM A REALIDADE.....	34
4.1	Aspectos gerais da contra-insurgência.....	34
4.2	Aspectos específicos do emprego de Forças Navais na contra-insurgência.....	35
4.3	Conclusões parciais.....	37
5	CONCLUSÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

A guerra irregular esteve presente ao longo da história da humanidade e, em diversas ocasiões, foi utilizada por grupos mais fracos para se opor a outros, expressivamente mais poderosos, como forma de impor danos pelo desgaste ao longo do tempo, até o momento do equilíbrio de forças, quando pudessem lutar de igual para igual. Neste tipo de guerra, a iniciativa das ações geralmente pertence aos mais fracos e, por isso, ele toma para si o controle do fator “tempo”, podendo levar o conflito por longos períodos.

Neste ínterim, torna-se primordial ao mais forte otimizar e bem empregar seus recursos, já que provavelmente não terá o controle da duração do conflito. Assim, este estudo tem como tema o planejamento e emprego de recursos militares na guerra irregular. Tendo o objetivo de torná-lo útil à Marinha do Brasil, caso venha a se envolver em um conflito desta natureza, nosso propósito será o de verificar o emprego das forças navais norte americanas durante a Guerra do Vietnã, entre 1965 e 1975. Para isso, utilizaremos a teoria formulada por David Galula quanto à Guerra de insurgência, uma forma de guerra irregular, como perspectiva teórica, confrontando-a com a realidade dos fatos históricos ocorridos naquele conflito durante o período especificado. Esperamos poder responder se, apesar de Galula afirmar que o emprego de uma força naval neste tipo de guerra se limitaria ao bloqueio da costa, outros tipos de emprego da força naval norte americana ocorreram e se foram efetivos para o conflito em questão.

Assim, realizaremos nosso estudo em mais quatro capítulos, sendo três de desenvolvimento e um de conclusões finais. No primeiro, descreveremos a teoria formulada por Galula, iniciando pela sua biografia, seguindo com as diferenças entre a guerra convencional e a guerra revolucionária. Verificaremos, então, o que é uma guerra revolucionária, para, em seguida, nos concentrarmos em um dos seus tipos, a insurgência. Após

este estudo, que pensamos ser importante para entender este tipo de guerra como um todo, abordaremos o que Galula teoriza a respeito do emprego de forças navais na contra-insurgência.

No segundo capítulo de desenvolvimento, tentaremos entender a Guerra do Vietnã, abordando, primeiramente, seus antecedentes históricos para então estudar a guerra do Vietnã do Norte contra o Vietnã do Sul e os norte americanos propriamente dita. Verificaremos, então, quais foram as condutas dos dois lados, tanto quanto à insurgência para o Vietnã do Norte, como à contra-insurgência para os norte americanos. Finalmente, abordaremos qual foi o emprego das forças navais norte americanas naquele conflito.

No terceiro capítulo de desenvolvimento, esperamos confrontar a teoria formulada por Galula com a realidade dos fatos históricos. Verificaremos, inicialmente, as diferenças observadas nos aspectos gerais da guerra de insurgência, para então estudar os aspectos específicos do emprego das forças navais norte americanas naquele conflito.

Finalmente, no último capítulo, pretendemos reunir as conclusões parciais dos capítulos anteriores, gerando conhecimentos a partir da comparação do que Galula afirmou que deveria acontecer e o que realmente aconteceu durante aquele conflito no período especificado.

2 PERSPECTIVA TEÓRICA

Neste capítulo verificaremos as ideias constantes no livro *Counterinsurgency Warfare – Theory and Practice*, obra a qual nos baseamos como perspectiva teórica. Esperamos com isso levantar parâmetros que nos ajudem a entender como se desenvolveu a guerra do Vietnã no contexto do emprego de forças navais pelos Estados Unidos da América (EUA). Inicialmente estudaremos a vida de David Galula, autor do Livro, quando verificaremos se sua obra é pertinente ao nosso estudo. Após isso, verificaremos quais fatores tornam a guerra revolucionária diferente de uma guerra convencional. Em seguida, veremos o que é uma guerra revolucionária para, logo após, verificar as características específicas da insurgência, uma das modalidades deste tipo de conflito. Finalmente, estudaremos como Galula vê o emprego de forças navais neste tipo de guerra e faremos nossas conclusões parciais.

2.1 Biografia de David Galula

David Galula nasceu em 10 de janeiro de 1919, em Sfax, Tunísia. Seus pais eram comerciantes judeus e, durante sua mocidade, se mudaram para Casablanca, Marrocos. Provavelmente sob a influência de um oficial francês que se casou com uma de suas tias, prestou exame para a Academia Militar de St. Cyr, na França, onde se formou oficial em 1939, pouco antes da declaração de guerra da França contra a Alemanha e da posterior queda de Paris em 1940. Foi enviado então como espião para Tânger, Marrocos, onde permaneceu trabalhando com um primo até a captura de Casablanca pelos Aliados, quando retornou para o exército regular francês e lutou com a “França Livre”¹ até a rendição dos alemães em 1944 (MARLOWE, 2010).

No ano seguinte teve a oportunidade de ir à China como auxiliar do adido militar francês por quase dez anos, onde aprendeu chinês e aperfeiçoou seu inglês. Durante sua permanência na China, foi capturado em 1947 pelas forças insurgentes chinesas. Sendo bem tratado por seus

¹ Entidade política e militar que participou na guerra contra a Alemanha nazista e a Itália fascista depois da rendição da França de Vichy.

capttores, interessou-se em estudar a doutrina de Mao Tsé-Tung², sabendo que era necessário entendê-la para poder se opor a ela. Foi na China que conheceu sua esposa, Ruth Morgan, então funcionária da embaixada americana em Nanquim (MARLOWE, 2010).

Em 1948 deixou a China, onde os comunistas logo tomariam o controle. Foi enviado então para os Balcãs como observador especial das Nações Unidas, quando testemunhou os últimos meses da guerra civil grega, e pôde, pela primeira vez, observar os princípios maoístas serem aplicados fora da China, onde o ELAS³ evitava confrontos desfavoráveis, concentrando seus esforços contra departamentos fracos do governo e pequenas vilas. Tendo as forças governamentais sido vitoriosas sob orientação inicial de militares ingleses e, posteriormente, americanos, Galula teve a oportunidade de observar ações efetivas de contra insurgência sob doutrina americana da época (MARLOWE, 2010).

Em 1951, já casado com Ruth, Galula é enviado a Hong Kong como adido militar francês. De lá observou a derrota militar francesa em Dien Bien Phu, na guerra da Indochina, quando perdeu vinte por cento de seus companheiros de turma em St. Cyr. Esta guerra foi o terceiro conflito irregular em que ele se debruçou para estudar de perto, viajando mensalmente para a Indochina e pesquisando entre os militares que tinham sido prisioneiros dos comunistas, alguns deles tendo sofrido uma espécie de “lavagem cerebral”, passando a serem a favor dos rebeldes (MARLOWE, 2010).

Em 1956 Galula se ofereceu para deixar Hong Kong e lutar na Argélia, onde pôde colocar em prática suas ideias de contra-insurgência, fazendo várias adaptações e chegando a conclusões importantes. O sucesso de Galula em suas ações logo atraiu a atenção de seus superiores. Em 1958 foi promovido a major e assumiu como vice comandante de um regimento. Ainda assim, suas ideias não influenciaram as ações como um todo na Argélia, que seguiram

² Liderou a Revolução Chinesa e foi o arquiteto e fundador da República Popular da China.

³ Sigla em grego para “National Popular Liberation Army”, grupo insurgente naquele conflito.

alinhadas com a política francesa à época. Em agosto foi requisitado, pelo Ministério da Defesa francês, para trabalhar na área de “ações psicológicas” e deixou a Argélia (MARLOWE, 2010).

No início dos anos 60 elevou-se bastante o interesse por contra-insurgência nos EUA, o que levou Galula a visitar o país por várias vezes para participar de estudos sobre o tema em universidades americanas. Finalmente, em março de 1962, deixou o exército francês para assumir uma posição como pesquisador associado do Centro de Assuntos Internacionais da Universidade de Harvard até novembro de 1963, quando então retornou para a França. Mesmo fora dos EUA, voltaria a participar de outros estudos de contra-insurgência, mas na época seus apontamentos não eram levados a sério. Apesar disso, após a Guerra do Vietnã, reconheceu-se que sua teoria teria sido de grande valia naquele conflito. Galula faleceu em 11 de maio de 1967 (MARLOWE, 2010).

Analisando a vida de Galula, podemos observar seu envolvimento constante com o tema “insurgência”. Certamente pelo fato de sua carreira militar como oficial do exército francês ter coincidido com a segunda guerra mundial e, logo após, com os primeiros conflitos ligados à guerra fria e de independência, pôde chegar a conclusões importantes a respeito das diferenças entre a guerra revolucionária e a convencional. A proximidade que teve com o tema, destacando-se o período na China como prisioneiro dos insurgentes, além de sua atuação na Argélia, quando pôde colocar ideias em prática e chegar a conclusões importantes, deu a ele a oportunidade de estudar a questão a fundo.

Concluimos então que a obra de Galula é pertinente ao presente estudo. Apesar de sua larga experiência prática, preocupou-se em formular sua teoria de modo a explicar com certas limitações, conforme ele mesmo aponta em seu livro, qualquer conflito que envolva a insurgência. No contexto da Guerra do Vietnã, apesar de não ter levado em consideração, em sua obra, especificamente o que ocorreu naquele conflito, entendemos que pela época e fatores condicionantes, além do fato de ter sido a continuação do conflito na Indochina com a França, suas ideias permanecem plenamente pertinentes e nos servirão como perspectiva teórica.

2.2 Diferenças entre a guerra convencional e a guerra revolucionária

A guerra convencional foi bastante estudada desde a antiguidade e a observação sistemática de erros a certos durante a história levaram à formulação de certas “leis”. Na maioria das guerras, grande parte destas leis são válidas para os dois lados, variando conforme cada lado as usa ou segundo suas capacidades (GALULA, 1964).

Em contrapartida, na guerra revolucionária encontramos um caso a parte, já que, na maioria das vezes neste tipo de conflito, o que é aplicável para um dos lados já não o é para o outro. Embora haja inúmeros estudos do ponto de vista do insurgente, faltam sugestões concretas de quais ações deve o contra-insurgente empreender (GALULA, 1964).

Torna-se claro, então, que não podemos aplicar a este tipo de conflito o que aprendemos sobre a guerra convencional. Além disso, devemos entender que a ótica será diferente para cada um dos lados. O que é uma ação pertinente para o insurgente pode não ser para o contra-insurgente.

Concluimos assim que, ao abordar o tema, devemos observar com cuidado estas diferenças, não tratando a guerra revolucionária como um conflito convencional. Também será necessário permanecer dentro da ótica do contra-insurgente, objeto do nosso estudo, contribuindo assim para o crescimento do conhecimento desta visão da guerra revolucionária, ainda hoje menos estudada em relação ao outro lado.

2.3 O que é uma guerra revolucionária?

Uma guerra revolucionária é, essencialmente, um conflito interno, onde um grupo rebelde busca tomar o poder e, em contrapartida, o governo tenta mantê-lo. Neste tipo de conflito, diferentemente do convencional, a iniciativa das ações pertence ao rebelde, já que a contra rebelião nada mais é que uma reação (GALULA, 1964).

Dentro dos possíveis tipos de “guerra revolucionária”, temos a “revolução”, o “golpe” e a “insurgência”. Na revolução, as massas movem-se antes dos líderes e geralmente são um levante súbito, curto explosivo, sem planejamento. Já o golpe não envolve as massas. Trata-se de uma ação clandestina, que pode até envolver preparativos longos, mas sua ação propriamente dita é breve e súbita. Finalmente, a insurgência é uma luta prolongada, onde primeiro surgem os líderes e depois as massas. Nela, as ações do insurgente desenvolvem-se lenta e paulatinamente, a fim de alcançar objetivos específicos que levem à derrubada da ordem vigente (GALULA, 1964).

Vemos então que a guerra revolucionária se diferencia bastante da convencional. Nela, o simples fato de a iniciativa das ações ser do rebelde mostra a sua grande complexidade. Adicionalmente, vemos que este tipo de guerra pode assumir características diferentes, dependendo de como ela se inicia. A situação será diferente em cada caso citado, seja ela uma revolução, um golpe ou uma insurgência.

Sendo assim, observamos a necessidade de estudar o tema sem nos prender aos aspectos da guerra convencional. Dadas as suas características, as ações necessárias a fazer frente ao rebelde provavelmente serão estranhas ao soldado convencional, sendo necessário adaptá-lo a este cenário. Adicionalmente, ao observar os tipos de guerra revolucionária, concluímos que a insurgência é a que melhor se encaixa ao objeto do nosso estudo. Nos debruçaremos, então, nestes aspectos da guerra.

2.4 Características da insurgência

Apresentaremos agora algumas características da insurgência que entendemos serem importantes ao nosso estudo.

A primeira é a assimetria entre os lados do conflito. No início, o contra-insurgente tem grande superioridade em termos de fatores tangíveis: reconhecimento diplomático, legitimidade dos poderes, controle dos recursos em geral do estado (militar, financeiro, industrial etc). Já o

insurgente, também quando no início do conflito, carece destes recursos, os quais buscará obter, a fim de efetivamente ter condições de assumir o poder. Mesmo assim, nesta fase o insurgente contará com fatores intangíveis que o auxiliarão, ou seja, a força ideológica da sua causa. Ao longo do conflito ele tentará converter seu capital intangível em poder concreto. Já o contra-insurgente precisará evitar que este capital intangível dissipe seu poder concreto (GALULA, 1964).

Sendo assim, estando o poder inicial do insurgente ligado a uma causa, chegamos a outra característica da insurgência: a conquista da população torna-se essencial neste tipo de guerra. Isso revela-se óbvio ao lembrarmos que o exercício do poder político somente torna-se possível com a aquiescência da população, ou pelo menos com sua passividade (GALULA, 1964).

Ao atuar na população, chegamos então a outra característica: a guerra revolucionária é essencialmente política. Diferentemente da guerra convencional, onde o nível político delimita objetivos a serem alcançados pelo nível militar, na guerra revolucionária a política torna-se um instrumento ativo da operação militar. E aí reside sua principal dificuldade: as ações políticas não estão separadas das ações militares. Pelo contrário, em toda ação haverá forte vertente política (GALULA, 1964).

Da questão política, partimos para duas outras características:

Neste tipo de conflito observa-se uma transição gradual da paz para a guerra, a qual será prolongada. Já que o insurgente carece, no início, de recursos, necessita ele de tempo para reunir o poder político necessário a iniciar suas ações e, posteriormente, conseguir recursos tangíveis suficientes a fazer frente ao contra-insurgente (GALULA, 1964).

Outra característica é o fato de que a insurgência é barata, enquanto a contra-insurgência é cara. A promoção da desordem costuma ser bem menos custosa do que a manutenção da ordem, pois a desordem é o estado normal da natureza. Não podendo fugir à responsabilidade

de manter a ordem, o contra-insurgente vê-se obrigado a empregar elevados recursos, frequentemente dez a vinte vezes maiores que os empregados pelo insurgente para causar a desordem. Através de um simples telefonema com ameaça de bomba em um aeroporto, por exemplo, o insurgente pode forçar seu opositor a empregar recursos significativos, além dos prováveis problemas econômicos advindos da fuga de turistas (GALULA, 1964).

Logicamente, há um limite para esta desproporção. Em um certo ponto o aumento de recursos empregados pelo insurgente não acarretará a multiplicação de gastos pelo seu opositor, já que em um dado momento haverá um ponto de saturação, geralmente causado pela aquisição do controle de áreas geográficas pelo insurgente, onde ele passará a ser o responsável por manter a ordem. Contudo, até a chegada neste ponto, a disparidade anterior fará toda a diferença. Neste interim, o insurgente pode aceitar uma guerra prolongada, o contra-insurgente não (GALULA, 1964).

Seguimos então com a próxima característica, que é a fluidez do insurgente frente à rigidez do contra-insurgente. O insurgente é fluido por não ter responsabilidades nem capital concreto. Estes pertencem ao contra insurgente, que não pode renunciar aos mesmos, pois isso implicaria em entregar o governo. Já o insurgente, caso busque capital concreto prematuramente, adquirindo forças regulares, território e armas poderosas, pode tornar-se rígido demais antes que o contra insurgente esteja suficientemente fraco para poder enfrentá-lo (GALULA, 1964).

Outra característica é o poder da ideologia. Para promover uma rebelião com chances de êxito, o insurgente deve apoiar-se em uma causa forte, que atraia seguidores, já que, no início, isso é tudo o que ele tem. Conseguindo uma boa causa, a qual não seja possível ao contra-insurgente também abraçá-la, esta força trabalhará a seu favor e contra seu opositor. Mas em certo ponto do transcorrer da guerra, a causa original perde importância para o conflito propriamente dito. Que lado é mais ameaçador, qual oferece maior proteção, qual tem mais chances de vencer. Estes serão os critérios de apoio da população (GALULA, 1964).

A próxima característica é o fato da propaganda ser praticamente uma arma unilateral, trabalhando a favor do insurgente. Não tendo responsabilidades, ele é livre para mentir, enganar, exagerar, sem necessariamente ter de fornecer provas. Ele é julgado pelo que promete e não pelo que realiza. Já o contra-insurgente está preso às suas responsabilidades e ao seu passado. Ele é julgado pelo que fez e não pelo que diz. Caso venha a mentir e venha a ser desmascarado, estará fadado ao descrédito até o fim (GALULA, 1964).

A última característica é que a insurgência permanece uma guerra não convencional até o fim. O insurgente buscará todo o tempo reunir um exército regular, mas isso não quer dizer que ele abandonará certas vantagens. Pelo contrário, ele manterá a guerrilha e outras formas de subversão, a fim de ampliar os efeitos de suas forças regulares. Além disso, buscará sempre manter o controle da população, guardando para si a liberdade de recuar na batalha quando esta não lhe for favorável (GALULA, 1964).

Analisando todas estas características, observamos que o insurgente, devido à assimetria inicial de forças, buscará colocar a população a seu favor. Ela será seu centro de gravidade e, para conquistá-la, usará da política. Fatores políticos estarão presentes durante todo o conflito e não esquecer disso é primordial para o contra-insurgente. Mas para o insurgente, promover uma política de cooptação da população é muito mais fácil, já que ele pode empreender sua propaganda sem compromisso com a verdade.

Conquistar a população pode levar tempo e este fator também joga a favor do insurgente. Para ele o prolongamento da guerra não é um problema. Já para o contra-insurgente, quanto mais durar o conflito, mais recursos ele perderá. Sendo a iniciativa das ações pertencentes ao insurgente, pode ele promover uma transição lenta e gradual da paz para a guerra, até que tenha condições de reunir as forças necessárias aos seus objetivos.

Vimos também que o insurgente é fluido, enquanto o contra-insurgente é rígido. Esta é uma vantagem importante e o insurgente tentará mantê-la, fazendo com que o conflito

permaneça irregular até o fim, mesmo após ter reunido forças regulares em número significativo.

Concluimos então que a conquista da população, ou pelo menos sua neutralidade, é o principal objetivo neste tipo de guerra. Nela deve estar concentrada a atenção do contra-insurgente. Para isso ele deve atuar politicamente todo o tempo, negando ao insurgente o controle da mesma. Sabendo que a propaganda joga ao lado do adversário, deve haver ações concretas por parte do contra-insurgente a fim de mostrar que é mais forte, que está disposto a proteger a população e que tem disposição para vencer o conflito.

Também concluimos que o insurgente tentará se manter fluido, realizando ações que, para ele serão baratas e para o contra-insurgente extremamente caras. Devido a esta disparidade de recursos, o insurgente fará com que a guerra permaneça não convencional e se prolongue, aumentando a violência de maneira gradual e a seu favor. Como isso está fora do controle do contra-insurgente, ele deve observar que a economia de recursos é importante, já que não sabe por quanto tempo a guerra se prolongará.

2.5 Forças Navais empregadas na contra-insurgência

Ao estudarmos as forças armadas empregadas pelo contra-insurgente em uma guerra revolucionária, vemos que, diferentemente da guerra convencional, que pede forças armadas equilibradas, com componentes aéreos, terrestres e navais, na guerra revolucionária, quanto mais simples melhor será a força do contra-insurgente. Neste tipo de conflito, a infantaria toma importância preponderante, sendo improvável que o insurgente realize operações navais. Tudo o que a Marinha precisa fazer é bloquear eficazmente a linha de costa (GALULA, 1964).

No que tange às condições geográficas, quanto mais isolado o país pior será para o insurgente. Barreiras naturais como o mar ou um deserto, assim como fronteiras com países contrários à insurgência, comporão dificuldades de locomoção para o insurgente. Caso o país

seja uma ilha ou um arquipélago, encontra-se aí o nível máximo de isolamento, não sendo possível o sucesso da insurgência (GALULA, 1964).

Em sua visão, Galula entende o mar como uma barreira para o insurgente, diferentemente das fronteiras terrestres, que na maioria das vezes o ajuda. Geralmente o insurgente tem liberdade de cruzar fronteiras internacionais, podendo evadir-se do contra-insurgente, que não tem a mesma liberdade, ou seja, deve respeitar as fronteiras do seu país. Já a costa marítima não tem a mesma característica, passando a ser um fator de restrição de movimento para o insurgente. Assim, o emprego das forças navais pelo contra insurgente perde importância, limitando-se ao bloqueio da costa.

Concluimos, então, que o emprego das forças navais em uma guerra revolucionária, segundo Galula, torna-se exclusivamente ferramenta de isolamento do contra-insurgente. Segundo sua visão, não haveria outros empregos para uma força naval neste tipo de guerra.

2.6 Conclusões parciais

Estudamos neste capítulo a teoria formulada por Galula que nos servirá de perspectiva para observar a guerra do Vietnã.

Verificamos inicialmente sua biografia, concluindo que sua experiência em diversos conflitos desta natureza o credenciaram para teorizar o assunto, sendo sua obra pertinente ao nosso estudo, principalmente pela proximidade a conflitos de natureza ideológica comunista ou anticolonialista.

Vimos também que a insurgência não deve ser encarada como uma guerra convencional e que a ótica do insurgente é diferente da do contra-insurgente. Este deve traçar sua estratégia considerando as nuances deste tipo de conflito.

Observamos que a conquista da população é o principal fator neste tipo de guerra. E que para obtê-la o contra-insurgente não poderá atuar somente no campo militar, sendo necessário

utilizar-se de ações políticas concretas para sua conquista, pois não poderá valer-se da propaganda para tal, já que esta trabalha a favor do insurgente.

Verificamos a fluidez do insurgente frente à rigidez do contra-insurgente, devido à sua grande estrutura. Como o insurgente não tem capital concreto no início do conflito, se beneficiará desta fluidez para, com poucos recursos, imprimir grandes danos, deteriorando assim o capital concreto do contra-insurgente. O insurgente tentará manter esta situação o maior tempo possível, controlando o aumento gradual da violência a seu favor.

Finalmente, vimos que, no que tange ao emprego de forças pelo contra-insurgente, seus esforços devem se concentrar no emprego da infantaria, ficando as forças navais somente com a função de isolamento do insurgente por meio de operações de bloqueio.

3 ENTENDENDO A GUERRA DO VIETNÃ

Neste capítulo, verificaremos os fatos históricos ocorridos antes e durante a Guerra do Vietnã, procurando evidenciar os acontecimentos, suas causas e consequências.

Inicialmente, estudaremos os seus antecedentes, principalmente quanto à Guerra da Indochina, contra os franceses. Logo após, verificaremos o conflito propriamente dito, contra os norte americanos. Em seguida, abordaremos a conduta dos Estados Unidos da América (EUA) no que tange à contra-insurgência, assim como a dos norte-vietnamitas, quanto à insurgência. Finalmente, abordaremos a participação das forças navais norte americanas na Guerra do Vietnã, objeto do nosso estudo.

3.1 Antecedentes históricos

Ao longo de sua história, o Vietnã adquiriu grande tradição em termos de resistência à ocupação estrangeira: chineses songs no século XI, mongóis no século XIII, chineses mings no século XV, japoneses, franceses e norte americanos no século XX (VISACRO, 2009).

Observando especificamente o século XX, vemos a então “Indochina Francesa” sendo subjugada pelo Japão logo após a invasão da França pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. Neste momento, o Partido Comunista Indochinês, fundado por Ho Chi Minh⁴, postergou sua revolução socialista, fundando a Frente pela Independência do Vietnã, ou Vietminh, adquirindo outros elementos nacionalistas entre seus militantes (VISACRO, 2009).

Com o término da Segunda Guerra Mundial, os japoneses, que já sofriam com a guerra irregular empreendida pelo Vietminh, retiraram-se da península. Ho Chi Minh, então, proclamou em Hanói, a República Democrática do Vietnã. Logicamente, a França se mobilizou para retomar suas colônias, iniciando, então, a chamada “Guerra da Indochina” (VISACRO, 2009).

⁴ Líder político que liderou a revolução marxista e as guerras de independência no Vietnã.

Apesar de bem treinadas, as tropas francesas eram pouco numerosas, sendo obrigadas a se concentrarem nas áreas mais povoadas. Isso conferiu liberdade de movimento aos grupos guerrilheiros, que aos poucos foram retendo a iniciativa das ações e colocando os franceses na defensiva. Com a escalada da violência, gerada por um incremento constante dos ataques por parte dos guerrilheiros, os franceses implementaram represálias que não pouparam a população. Já o Vietminh buscava identificar e se vingar de colaboradores das forças coloniais. Sendo assim, a população, que sofria pelos dois lados, não tardou a escolher dar apoio aos guerrilheiros (VISACRO, 2009).

Após a tomada do poder pelos comunistas na China, o Vietminh passou a contar com aquele país, não somente como um refúgio seguro, mas também com apoio político e militar, recebendo assessoria e farto material bélico. Isso conferiu ao Vietminh poder suficiente para empreender batalhas convencionais contra os franceses, retornando à guerrilha quando isso lhe convinha. Neste cenário, a opinião pública francesa, cansada de guerras, fez com que o Estado francês abrisse mão de suas colônias na região. A Indochina Francesa deixou de existir. O Laos e o Camboja receberam suas independências e o Vietnã foi desmembrado em dois territórios: a Cochinchina e Amam (até o paralelo 17) formaram o Vietnã do Sul, com regime pró-ocidental em Saigon. Ao norte, o Vietminh estabeleceu um governo com orientação comunista em Hanói (VISACRO, 2009).

Diante do exposto, verificamos que o povo vietnamita estava acostumado a lutar contra invasores estrangeiros, pois já vinha fazendo isso há bastante tempo. Adicionalmente, além do apelo comunista do Vietminh, alinhado às ideias da revolução chinesa, a então recente saída dos invasores japoneses lhes forneceu força extra, inserindo uma forte componente nacionalista à sua causa.

Também vimos que as tropas francesas, pouco numerosas e posicionadas em áreas densamente povoadas, não eram capazes de proteger a população e nem mesmo diferenciar guerrilheiros de cidadãos, deixando-os à mercê da justiça dos guerrilheiros ou mesmo

submetendo-os a represálias indiscriminadas. Neste cenário, não havia como a população estar ao lado dos franceses.

Se a população vietnamita não apoiava a presença francesa na Indochina, também os cidadãos da metrópole não o faziam, já que não viam sentido em empregar recursos e vidas para manter a colônia, ainda mais quando a guerra mostrava-se sem data de término, alimentada, agora, pela China.

Concluímos então que o Vietminh, desde a Guerra da Indochina, contava com o apoio da população vietnamita, o que lhe proporcionava atuar nas áreas mais densamente povoadas, onde se encontravam as tropas francesas, por meio de guerrilha. Além disso, também tinha liberdade de locomoção em outras áreas. Este fato, aliado à ajuda chinesa, já lhe conferia a possibilidade de manter a guerra por muito tempo.

3.2 O Conflito contra os norte americanos

O envolvimento dos EUA na guerra do Vietnã está intimamente ligado à guerra fria⁵ e à doutrina Truman⁶. E está alicerçada no seu poderio naval, ou seja, na sua capacidade de projetar poder. Sua intenção no conflito era conter o avanço comunista no sudeste asiático, promovendo um Estado capitalista pró-ocidental no Vietnã do Sul, capaz de sobrepujar Hanói e conter a expansão comunista na área (VISACRO, 2009).

Apesar de seu poderio militar e sua capacidade de projetar poder, os norte americanos não estavam ambientados com as características da guerra irregular. Sua formação militar alicerçava-se na Guerra de Secessão⁷ e nos combates convencionais dos dois conflitos

⁵ Período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a Ex-URSS, compreendido entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a extinção da Ex-URSS (1991).

⁶ Política externa implantada durante o governo Truman e direcionada ao bloco de países capitalistas no período pré-Guerra Fria. Tal doutrina tinha como objetivo impedir a expansão do socialismo, especialmente em nações capitalistas consideradas frágeis.

⁷ Guerra civil travada entre 1861 e 1865 nos Estados Unidos da América.

mundiais⁸ e da Guerra da Coréia⁹. Já a doutrina revolucionária comunista, tanto chinesa quanto soviética, estava totalmente à vontade nesta modalidade de guerra (VISACRO, 2009).

Após a divisão do país em 1954, o governo instalado no Vietnã do Sul conservou as contradições coloniais, mantendo a exploração capitalista europeia. Seu governo corrupto e já impopular, logo tornou-se também autoritário, implementando medidas repressivas e excessivamente violentas. Isso logo elevou o apoio popular dado aos comunistas (VISACRO, 2009).

Com a situação tornando-se insustentável, os EUA decidiram intervir diretamente. Devido a questões diplomáticas com a China e a Ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (Ex-URSS), inicialmente estava vetado atuar diretamente no território norte vietnamita, assim como no Laos e no Camboja, países vizinhos. Os norte americanos concentraram-se em sua mobilidade de poder de fogo, dedicando-se às operações ofensivas com grupos de “caça e destruição”, deixando a importante tarefa de contra-insurgência nas aldeias para o despreparado, corrupto e impopular exército sul-vietnamita (VISACRO, 2009).

Após a ofensiva do Tet¹⁰, uma inicial sensação de vitória norte americana deu lugar a uma crise política de grandes proporções. A opinião pública dos EUA teve a certeza, naquele momento, de que a guerra não seria curta. Intensificaram-se os protestos e isso repercutiu sobremaneira na tropa, em sua maioria de conscritos, que carregavam consigo as contradições sociais norte americanas, como a segregação racial e o uso de drogas (VISACRO, 2009).

Assim, as forças norte americanas iniciaram sua gradual retirada, permanecendo, entretanto, seu poderio aéreo inalterado na área. A atuação dos EUA passou a ser o bombardeio

⁸ Primeira e Segunda Guerras Mundiais.

⁹ Conflito deflagrado após a invasão da Coréia do Sul em 1950 pela Coréia do Norte, onde as tropas da Organização das Nações Unidas (ONU), com grande maioria de soldados norte americanos, intervieram em favor do país invadido.

¹⁰ Ataque lançado pelos norte-vietnamitas em 30 de janeiro de 1968 sobre várias posições norte americanas e sul-vietnamitas durante o cessar fogo no feriado mais importante do país.

do território Norte-vietnamita e da trilha Ho Chi Minh¹¹, esperando que o Exército Sul Vietnamita lograsse êxito com o passar do tempo, o que não aconteceu. Em 1975 as forças norte-vietnamitas tomaram Saigon, que foi rebatizada de Cidade de Ho Chi Minh (VISACRO, 2009).

Vimos, então, que os EUA estavam despreparados, na época, para a modalidade de guerra encontrada no Vietnã. Todo o seu poderio militar não foi efetivo na contra-insurgência, já que suas ações não visavam a conquista da população. Esta tarefa foi deixada para o exército Sul-vietnamita, pouco popular e corrupto, incapaz de cumpri-la com êxito.

Aliado a isso, sua própria população não foi conquistada. A opinião pública norte americana, contrária à guerra, foi decisiva no conflito. E isso não foi somente um fator político, já que influenciou sua própria tropa. A retirada das forças do terreno, optando pelos bombardeios aéreos, mostrou-se sem qualquer eficácia neste tipo de conflito.

Podemos concluir, então, que de forma geral os fatores que não permitiram aos EUA obterem sucesso na guerra estão pautados na baixa prioridade da conquista da população, tanto do Vietnã, quanto dos próprios norte americanos. Sua pouca ambientação com a guerra de insurgência o fez dar baixa prioridade a esta tarefa, delegando-a ao Exército Sul-vietnamita, despreparado, impopular e corrupto.

3.3 A conduta dos EUA na contra- insurgência

É um engano dizer que os norte americanos abdicaram totalmente das ações de contra-insurgência durante o conflito. Na verdade, elas foram implementadas tardiamente e eram proporcionalmente insignificantes, quando comparadas às ações convencionais (VISACRO, 2009).

Mas, mesmo pequenos, quais teriam sido estes esforços de contra-insurgência?

¹¹ Rede caminhos e trilhas que serviam como ligação logística entre o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul, passando pelo Laos e o Camboja durante a Guerra do Vietnã.

Forças especiais presentes no país desde 1957, os chamados *boinas verdes*, obtiveram bons resultados, principalmente com as tribos montanhesas do planalto central: os chamados *montagnards*, viviam isolados e mantinham uma hostilidade histórica com o povo das planícies. Sua organização em grupos civis irregulares de defesa (Civilian Irregular Defense Groups – CIDG) teve bastante êxito e foi efetivo na contenção de infiltrações comunistas. Apesar disso, estas ações não obtiveram um alto grau de importância no conjunto da estratégia norte americana (VISACRO, 2009).

Outra ação foi a criação de aldeias para a realocação da população, na tentativa de isolá-la dos comunistas. Esta estratégia não logrou êxito, pois as novas aldeias foram alocadas em áreas onde os Vietcongs¹² tinham alguma influência. Além disso foi prevista a criação de um número muito elevado de aldeias, incompatível com o prazo dado para a tarefa, resultando em várias delas inacabadas. Aliado a isso tudo, havia também a relutância da própria população realocada em abandonar sua terra natal (VISACRO, 2009).

Em maio de 1967, os Estados Unidos criaram a Agência de Apoio a Operações Civis e Desenvolvimento Revolucionário (Civil Operations and Revolutionary Development Support – CORDS) com a missão de realizar ações de inteligência junto aos camponeses, repelir a presença vietcong nas áreas rurais, gerenciar os recursos destinados à pacificação e fomentar o desenvolvimento das aldeias. Mas esta iniciativa não surtiu efeito, devido à elevada degradação política e social do Vietnã do Sul e, principalmente, devido ao ceticismo do pensamento militar ortodoxo norte americano (VISACRO, 2009).

Podemos observar, assim, que os EUA lograram êxito inicial em suas ações de contra-insurgência, principalmente junto às tribos montanhesas (*montagnards*), utilizando a estratégia dos grupos civis irregulares de defesa (CIDG). Também tentaram isolar a população das aldeias

¹² Exército irregular formado por sul-vietnamitas que lutaram na Guerra do Vietnã junto ao exército do Vietnã do Norte contra a coalizão formada pelos Estados Unidos e pelo governo do Vietnã do Sul.

nas áreas rurais e buscaram ações efetivas de contra insurgência, criando a agência de apoio às operações civis e desenvolvimento revolucionário (CORDS), mas estas ações foram pouco efetivas no contexto geral da guerra.

Concluimos, então, que, pelo menos no início do conflito, os norte americanos entenderam que aquela se tratava de uma guerra diferente e que era necessário atuar na população, isolando-a dos insurgentes e fazendo com que eles próprios pudessem se defender. Mas nos parece que este entendimento inicial logo foi sobrepujado pelo pensamento ortodoxo militar convencional, arraigado nos militares norte americanos.

3.4 A conduta do Vietnã do Norte na insurgência

A Guerra do Vietnã foi, na verdade, a continuação da luta de independência da antiga Indochina francesa, em que os comunistas já estavam acostumados a usar as táticas de guerrilha contra seus oponentes e o faziam com notável sucesso. Após a saída dos franceses e a divisão do país, os norte-vietnamitas estavam prestes a passar à modalidade de guerra convencional e derrotarem o instável governo sul-vietnamita. A chegada de grandes contingentes americanos só fez retardar por uma década o resultado final da guerra (VISACRO, 2009).

Em algumas oportunidades, como na ofensiva do Tet, os norte-vietnamitas tentaram deixar a fase de guerrilhas e empreender combates convencionais, contudo não lograram êxito frente ao grande poder de combate dos norte americanos e acabaram por retornar à fase de guerrilhas (VISACRO, 2009).

Outro fator preponderante que trabalhou em favor dos norte-vietnamitas foi o apoio externo recebido de Pequim e Moscou, tanto pela ajuda financeira e de material bélico, quanto pelo apoio político, que restringiram as opções estratégicas dos EUA, que não podiam usar armas nucleares ou invadir o território norte-vietnamita (VISACRO, 2009).

Armas e suprimentos vindos da China e da Ex-URSS entravam em grandes quantidades pelo porto de Haifong¹³. Dali escoavam para o sul pela trilha Ho Chi Minh. Esta trilha, operada por dezenas de milhares de vietnamitas, mantinha intenso fluxo logístico e alimentou o esforço de guerra norte-vietnamita durante todo o conflito, mesmo sofrendo ataques por terra e pesados bombardeios aéreos (VISACRO, 2009).

Certamente, a principal causa da vitória norte-vietnamita foi o apoio popular. A impopularidade do governo de Saigon e a inabilidade das forças norte americanas em contra-insurgência, fazendo uso desproporcional e indiscriminado do seu poder militar, trabalhavam a favor dos comunistas. Mesmo quando o convencimento não era suficiente, os insurgentes recorriam a táticas de terror, coação e intimidação, obtendo o apoio da população por bem ou por mal. Isso lhes proporcionava diversas vantagens em termos de informações, abrigo, subsistência, recrutamento etc. Também lhe conferia a mobilidade de atuar em qualquer parte do território, de forma a compensar a vantagem tecnológica dos norte americanos (VISACRO, 2009).

Vemos, então, que as forças norte-vietnamitas já atuavam na modalidade de guerrilha muito antes da chegada dos norte americanos e souberam utilizar isso muito bem, sendo seu principal fator de sucesso o apoio popular, o qual obtiveram facilmente frente à inabilidade das forças contra-insurgentes.

Além disso, a China e a Ex-URSS sustentaram seu esforço de guerra, provendo-lhes recursos financeiros e bélicos que escoavam desde o porto de Haifong e seguiam para o sul pela trilha Ho Chi Minh. Também proveram apoio político que negaram aos norte americanos a opção de uso de armas atômicas ou invasão do território norte-vietnamita.

¹³ Principal porto do delta do Rio Vermelho, que servia à capital do Vietnã do Norte, Hanói.

Concluímos, então, que os fatores de sucesso dos norte-vietnamitas foram, principalmente, a obtenção do apoio popular e o apoio externo irrestrito da China e da Ex-URSS.

3.5 A participação das forças navais norte americanas na guerra

De forma ideal, os esforços principais dos EUA referentes à Guerra do Vietnã deveriam ter sido diplomáticos, principalmente referente à China. Sucessos neste aspecto poderiam ter evitado a utilização, por parte da Ex-URSS, do território chinês como linha de comunicação para encaminhar sua ajuda militar aos norte-vietnamitas. Também poderia ter permitido o bloqueio da costa norte-vietnamita, principalmente de Haifong, por onde entrava a maior parte do material bélico recebido pelo Vietnã do Norte (UHLIG, 1986).

Assim, os EUA decidiram não bloquear os portos norte-vietnamitas, o que teve grande peso na guerra. Quando, em 1972, foi permitido minar o porto de Haifong, já era tarde demais, pois já haviam linhas terrestres consideráveis vindas da Ex-URSS por território chinês (UHLIG, 1986).

A decisão de bombardear pelo ar ao invés de bloquear, apesar de causar elevados danos aos esforços de guerra norte-vietnamita, não foi suficiente para decidir o conflito. Além disso, teve um efeito colateral importante: muitos pilotos e tripulações de aeronaves norte americanas foram feitos prisioneiros, o que acabou se transformando, em 1973, na principal preocupação do governo dos EUA, que aceitou limpar as áreas minadas e liberar o porto de Haifong (UHLIG, 1986).

Vemos então que fatores diplomáticos levaram o governo norte americano a tomar decisões políticas restritivas às possibilidades de emprego do seu poder naval. Ao decidir bombardear ao invés de bloquear, permitiu ao Vietnã do Norte receber pesada ajuda em termos de material bélico.

Percebendo isso tarde demais, decidiu minar o porto de Haifong, o que não surtiu o efeito desejado, já que as linhas de comunicações terrestres, neste momento, estavam estabelecidas. Mesmo o pouco efeito que teve cessou, quando foi decidido pela limpeza das áreas minadas em troca de prisioneiros de guerra.

Concluímos, então, que um esforço diplomático maior por parte dos EUA poderia ter permitido o pleno uso do seu poderio naval em termos de controle do mar. Caso tivesse havido o bloqueio dos portos norte-vietnamitas, grande parte do material bélico fornecido pela Ex-URSS não teria chegado ao Vietnã do Norte. Mesmo tendo estabelecido rotas por terra, a tonelagem possível de se transportar por navios mercantes é muito maior.

3.5.1 Bombardeando pelo ar

A estratégia militar norte americana para preservar o governo pró-ocidental no Vietnã do Sul teve dois objetivos principais: no território sul-vietnamita, uma campanha terrestre e aérea para derrotar o inimigo ou fazê-lo bater em retirada; no território norte-vietnamita, uma ofensiva aeronaval para fazê-lo cessar as agressões contra o sul (UHLIG, 1986).

Assim, no início, os ataques aéreos sobre o território norte-vietnamita eram essencialmente punitivos. Em 1965 iniciou-se a chamada Operação *Flaming Dart*, que consistia em realizar ataques de retaliação sempre que forças norte americanas ou sul-vietnamitas eram atacadas no sul. Esta estratégia não logrou êxito, verificando-se inclusive o aumento dos ataques por parte dos norte-vietnamitas (UHLIG, 1986).

Percebendo a ineficácia da Operação *Flaming Dart*, os norte americanos iniciaram a Operação *Rolling Thunder*. Sua ideia inicial era criar uma linha de bombardeios na parte do território mais ao sul do Vietnã do Norte e mover esta linha na direção norte bem devagar. Eles acreditavam que, com esta estratégia, forçariam os norte-vietnamitas a se render para salvar sua capital, Hanói (UHLIG, 1986).

Logo percebeu-se os movimentos norte-vietnamitas para minimizar os efeitos destes bombardeios. Ao invés de mover as tropas em companhias, batalhões ou regimentos, passaram a deslocá-las em pequenos grupos em trilhas protegidas pela vegetação da selva. Novos caminhões importados dos países comunistas foram utilizados em substituição às linhas férreas bombardeadas. Tais caminhões passavam o dia em aldeias, onde era proibido bombardear, para viajar somente à noite. Danos causados pelos bombardeios eram reparados rapidamente. A camuflagem era largamente empregada e novas fábricas, oleodutos e armazéns surgiam, inclusive em cavernas e em túneis cavados abaixo do solo (UHLIG, 1986).

Observamos que os objetivos da Operação *Rolling Thunder* foram mudando com o passar do tempo, transformando-se de estratégia de punição para interdição. O clima ruim levado pelas monções¹⁴ e o elevado nível de seleção de alvos, que era realizada diretamente por Washington, permitiu aos norte-vietnamitas manter suas linhas logísticas para o esforço de guerra (UHLIG, 1986).

Podemos observar então que a estratégia inicial norte americana para fazer cessar as agressões norte-vietnamitas às forças norte americanas e do Vietnã do Sul, realizando bombardeios de retaliação sobre o território inimigo, não obtiveram êxito. Washington, então, passou a selecionar alvos em uma linha de bombardeios que subiam lentamente em direção a Hanói, na expectativa de levar os sul-vietnamitas à mesa de negociação por temor de perder sua capital. Não obtendo este efeito, passaram a realizar bombardeios de interdição das linhas de comunicação logísticas do inimigo, mas este soube se adaptar, minimizando as perdas e recompondo estruturas de forma a manter seu esforço de guerra.

Concluímos, então, que a estratégia de bombardeios aéreos empreendida pelos norte americanos não atingiu os efeitos desejados pelos mesmos. Os ataques contra tropas e

¹⁴ Estação climática na qual os ventos sopram de sudoeste e que é caracterizada por chuva intensa.

instalações norte americanas e sul-vietnamitas aumentaram, assim como as linhas de suprimentos de guerra do norte para o sul foram mantidas.

3.5.2 A participação dos Fuzileiros Navais

Em 1965 os EUA decidiram empregar seu corpo de fuzileiros navais para defender a parte mais ao norte do Vietnã do Sul. Pelos seis anos que se seguiram, estes militares foram empregados em uma guerra estática em terra. As numerosas embarcações de desembarque norte americanas praticamente não foram usadas na guerra. Muitos achavam na época que os fuzileiros seriam melhor empregados no delta do Mekong, pois ali se aproveitaria sua interoperabilidade com a Marinha, que poderia prover mobilidade e poder de fogo, enquanto eles fariam o papel de força de assalto (UHLIG, 1986).

A principal razão para os norte americanos empregarem fuzileiros navais naquela área era o fato dela estar separada fisicamente, historicamente e culturalmente do resto do Vietnã do Sul e ter áreas importantes a defender que estavam localizadas próximo à costa, onde os fuzileiros poderiam utilizar sua capacidade logística a partir do mar (UHLIG, 1986).

Conforme os fuzileiros avançavam sobre os Vietcongs, seja por terra, pelo ar com helicópteros ou pelo mar, obtendo vitórias táticas e conquistando terreno, deixavam a área para novas conquistas. Logo os Vietcongs retornavam. Inicialmente na parte mais ao sul da área designada, próximo a Da Nang, foram subindo ao norte e direção à fronteira com o Vietnã do Norte até sua retirada em 1971 (UHLIG, 1986).

Podemos observar então que o emprego de fuzileiros navais pelos Estados Unidos na Guerra do Vietnã não utilizou sua característica anfíbia, fazendo uso somente de sua capacidade logística a partir do mar. Até mesmo nos rios esta capacidade anfíbia foi subempregada. Sendo usada como tropa essencialmente terrestre, os fuzileiros ao tomar o terreno, não o mantinham, permitindo às forças irregulares do inimigo que retornassem após a sua saída.

Concluímos então que houve, por parte dos norte americanos, o subemprego dos seus fuzileiros navais, pois não foi explorada a sua capacidade anfíbia. Além disso, sendo os fuzileiros uma tropa eminentemente expedicionária, não estando acostumados a manter posição em terra por muito tempo, permitiu o retorno do inimigo às porções do terreno já conquistadas.

3.5.3 O apoio logístico provido pela Marinha

Na Guerra do Vietnã, os EUA já haviam estabelecido, bem antes do seu início, uma base avançada na Baía de Subic, nas Filipinas. Esta base se localizava 700 milhas a leste do Golfo de Tonkin e era onde os navios norte americanos reabasteciam de combustível, gêneros, munição e equipamentos em geral. Também era onde suas tripulações descansavam e seus navios realizavam reparos. Também ao longo da costa sul-vietnamita e em seus rios, o mais para dentro do território e o mais próximo do inimigo possível, os norte americanos estabeleciam bases para suas embarcações de combate ribeirinho (UHLIG, 1986).

Em Da Nang, entretanto, o emprego dos fuzileiros navais em terra por longo período trouxe novos desafios. Sendo assim, a Marinha teve de prover portos seguros, canais navegáveis, piers de atracação, estradas adequadas, assistência médica e defesa de todo o perímetro de operação. Tudo isso sob sob atuação direta do inimigo e atos de sabotagem (UHLIG, 1986).

Observamos então que a base avançada nas Filipinas foi essencial para manter o esforço de guerra norte americano, mas não suficiente. Bases na costa e nos rios, próximo às posições inimigas foram necessárias, assim como o provimento de intenso apoio em terra para seus fuzileiros em Da Nang.

Concluímos então que o estabelecimento de uma base avançada nas Filipinas não foi suficiente para o esforço de guerra norte americano. Foi necessário o estabelecimento de bases na costa e nos rios, próximo às posições do inimigo. Além disso, o emprego de fuzileiros navais por longo período em terra trouxe elevadas demandas logísticas que provavelmente não seriam

necessárias caso tivessem sido empregados como normalmente são, ou seja, como tropa anfíbia de assalto e retirada.

3.5.4 A guerra na costa e nos rios

Era com pequenas forças ao longo da costa, rios e canais que os norte americanos protegiam suas linhas de comunicação, detinham as do inimigo e desembarcavam tropas em terrenos hostis. Quando os fuzileiros navais ao norte tiveram suas linhas ribeirinhas de suprimentos atacadas pelo inimigo, solicitaram as embarcações de combate ribeirinho que se deslocassem do Delta do Mekong para lá, já que suas aeronaves, patrulhas nas margens dos rios e artilharia não eram eficazes para manter a segurança do seu transporte ribeirinho (UHLIG, 1986).

Os guerrilheiros norte-vietnamitas frequentemente minavam os canais navegáveis, forçando os norte americanos a utilizar navios varredores para liberar estes canais. Estes varredores se tornavam alvos prioritários, necessitando de grande aparato de proteção, incluindo lanchas rápidas de escolta, helicópteros e agentes desfolhantes lançados na vegetação das margens (UHLIG, 1986).

Para barrar as linhas de comunicação inimigas, os norte americanos realizavam intensa verificação do tráfego mercante que entrava no Vietnã do Sul, um cansativo trabalho, na maioria das vezes de verificação de documentos. Também realizavam forte patrulhamento do delta do Mekong, mas a grande quantidade de pequenos canais tornava a tarefa muito difícil (UHLIG, 1986).

A grande quantidade de embarcações entrando e saindo dos portos do Vietnã do Sul, assim como o elevado número de canais e rios navegáveis no delta do Mekong tornavam muito difícil a interrupção total das linhas de comunicação inimigas. Além disso, era necessário o emprego de um número elevado de recursos militares para manter as linhas de comunicação norte americanas.

Concluímos então que o intenso tráfego de embarcações e o ambiente composto de um elevado número de rios e pequenos canais navegáveis trouxeram elevadas dificuldades aos norte americanos para cortar as linhas de comunicação do inimigo, assim como gastos elevados em recursos militares para manter as suas linhas de comunicação.

3.6 Conclusões parciais

Ao analisar os antecedentes históricos do conflito, vimos neste capítulo que o Vietminh, desde a Guerra da Indochina, contava com o apoio da população vietnamita, atuando inclusive nas áreas mais densamente povoadas. Além disso, também tinha liberdade de locomoção em outras áreas, o que, aliado à ajuda chinesa, já lhe conferia a possibilidade de manter a guerra por muito tempo.

Passando ao conflito propriamente dito, observamos que, pelo menos no início, os norte americanos entenderam que aquela se tratava de uma guerra diferente e que era necessário atuar na população, isolando-a dos insurgentes e fazendo com que eles próprios pudessem se defender. Mas nos parece que este entendimento inicial logo foi sobrepujado pelo pensamento ortodoxo militar convencional, arraigado nos militares americanos, que passaram a dar baixa prioridade para esta tarefa, delegando-a ao Exército Sul-Vietnamita, despreparado, impopular e corrupto. Em contrapartida, verificamos que os fatores de sucesso dos norte-vietnamitas foram, principalmente, a obtenção do apoio popular e o apoio externo irrestrito da China e da Ex-URSS.

Analisando o emprego do poder naval por parte dos norte americanos, percebemos que um esforço diplomático maior de sua parte em relação à China poderia ter permitido o pleno uso do seu poderio naval em termos de controle do mar. Caso tivesse havido o bloqueio dos portos norte-vietnamitas, grande parte do material bélico fornecido pela Ex-URSS não teria chegado ao Vietnã do Norte.

Ao optar pela estratégia de bombardeios aéreos, os norte americanos não atingiram seu efeito desejado: os ataques contra tropas e instalações norte americanas e sul-vietnamitas aumentaram, assim como as linhas de suprimentos de guerra do norte para o sul foram mantidas.

Também houve, por parte dos norte americanos, subemprego dos seus fuzileiros navais, pois não foi explorada a sua capacidade anfíbia. Além disso, sendo os fuzileiros uma tropa eminentemente expedicionária, não estando acostumados a manter posição em terra por muito tempo, permitiram o retorno do inimigo às porções do terreno já conquistadas.

Quanto ao apoio logístico realizado pela Marinha, o estabelecimento de uma base avançada nas Filipinas não foi suficiente para o esforço de guerra norte americano. Foi necessário o estabelecimento de bases na costa e nos rios, próximo às posições do inimigo. Além disso, o emprego de fuzileiros navais por longo período em terra trouxe elevadas demandas logísticas provavelmente não seriam necessárias caso tivessem sido empregados como normalmente são, ou seja, como tropa anfíbia de assalto e retirada.

Por fim, o intenso tráfego de embarcações e o ambiente composto de um elevado número de rios e pequenos canais navegáveis trouxeram elevadas dificuldades aos norte americanos para cortar as linhas de comunicação do inimigo, assim como gastos elevados em recursos militares para manter as suas linhas de comunicação.

4 COMPARAÇÃO DA TEORIA COM A REALIDADE

No capítulo 2 estudamos a teoria formulada por Galula a respeito da guerra de contra-insurgência de forma ampla, especificando, em seguida, o seu entendimento do emprego de forças navais neste tipo de conflito.

No capítulo 3 verificamos os fatos históricos observados na Guerra do Vietnã, inicialmente no que tange à contra-insurgência de forma geral, para em seguida especificar como a Força Naval norte americana foi empregada naquele tipo de guerra.

Agora, neste capítulo, utilizaremos aquela perspectiva teórica como base para entender, primeiramente, como os EUA se comportaram, de forma geral, a respeito dos aspectos de contra-insurgência e em seguida como empregaram suas forças navais naquele tipo de conflito.

4.1 Aspectos gerais da contra-insurgência

Segundo Galula, atuar em uma guerra convencional é totalmente diferente de atuar em um conflito de contra-insurgência. Neste último os princípios são diferentes e não podemos atuar da mesma maneira.

Neste aspecto, vimos que os Estados Unidos até perceberam inicialmente que se tratava de um tipo diferente de conflito, ao qual não estavam acostumados. Mas, ao invés de tentar entendê-lo e se adaptar, insistiram em “americanizá-lo”, tentando torná-lo convencional.

Segundo Galula, na contra-insurgência o objetivo principal deve ser o de obter o apoio da população, ou pelo menos sua neutralidade. Sendo assim, deve atuar com uma política concreta de controle da mesma, além de demonstrar sua capacidade de protegê-la e sua disposição para vencer o conflito.

Quanto a isso, vimos que, mesmo antes da chegada dos norte americanos, durante a Guerra da Indochina contra os franceses, o Vietminh já contava com o apoio da população, tanto nas áreas povoadas como na rural. Esta situação pouco mudou com a chegada das tropas

norte americanas, que não se preocuparam com este aspecto, delegando esta tarefa para o exército sul-vietnamita que era despreparado, impopular e corrupto.

Segundo Galula, o insurgente tentará se manter fluido, realizando ações para ele baratas, mas para o contra-insurgente extremamente caras. Neste interim, tentará manter a guerra assim por muito tempo, aumentando o nível de violência gradualmente e retornando às ações não convencionais sempre que necessário.

Os norte-vietnamitas contavam com apoio político, financeiro e de material bélico da China e da Ex-URSS. Havia guerrilheiros Vietcongs espalhados por todo o Vietnã do Sul, escondidos e apoiados pela população. Mesmo que o exército norte-vietnamita procurasse combates convencionais às vezes, sempre podiam retornar à guerrilha, uma guerra extremamente barata, quando isso lhes convinha. Sendo assim, podiam levar a guerra por tempo indefinido.

Concluímos então, que, de forma geral, os EUA não observaram os conceitos propostos por Galula para a guerra de insurgência que encontraram no Vietnã. Apesar do seu poderio militar e econômico, a guerra era cara tanto em termos materiais quanto em vidas de norte americanos, fazendo com que isso lhe custasse também politicamente e, devido à pressão da sua opinião pública, não puderam suportá-la por mais tempo.

4.2 Aspectos específicos do emprego de Forças Navais na contra-insurgência

Especificamente sobre o emprego de Forças Navais em uma guerra de contra-insurgência, Galula diz que elas se tornariam exclusivamente uma ferramenta de isolamento do insurgente, através do bloqueio da costa, não havendo outros empregos para ela neste tipo de conflito.

Sabemos que a atuação dos EUA na Guerra do Vietnã foi pautada em seu poderio naval e na capacidade desta de projetar poder. Verificaremos, então, quais foram as ações desta força naval, em outras modalidades que não o bloqueio, que foram empregadas na contra-insurgência.

Curiosamente para o nosso estudo, o bloqueio praticamente não foi empregado pelos norte americanos no conflito. Isso deveu-se a questões diplomáticas envolvendo a China e a Ex-URSS, que puderam fornecer grande parte da sua ajuda em material bélico ao Vietnã do Norte via marítima.

A decisão norte americana foi a de bombardear alvos no território norte-vietnamita, inicialmente como forma de retaliação após ataques sofridos, e posteriormente como tentativa de trazê-los à mesa de negociação. Nenhuma das duas estratégias obteve êxito.

Quanto ao emprego de fuzileiros navais, observamos que esta tropa, por sua característica expedicionária, ocupou o terreno por tempo insuficiente, permitindo o retorno posterior dos guerrilheiros às mesmas áreas das quais haviam sido expulsos. Além disso, não foi explorada a sua característica anfíbia, essencial para a tomada de porções do terreno próximo à costa ou rios.

Quanto ao apoio logístico, vimos que o estabelecimento de uma base avançada pelos norte americanos nas Filipinas não foi suficiente para o esforço de guerra. Foram necessárias bases ao longo da costa e nos rios, próximas às posições do inimigo. Além disso o emprego de fuzileiros navais por longos períodos em terra trouxe elevadas demandas logísticas que provavelmente não seriam necessárias caso tivessem sido empregados como tropa anfíbia de assalto e retirada.

Quanto à costa e os rios, tendo os norte americanos decidido não bloquear os portos norte-vietnamitas, tentaram realizar uma interdição marítima na costa e nos rios do Vietnã do Sul. Isso mostrou-se extremamente difícil, devido à grande quantidade de pequenas embarcações que trafegavam pelos inúmeros rios e pequenos canais navegáveis. Também era necessário manter as suas linhas de suprimentos e, nesta tarefa, os norte americanos tinham de empregar recursos consideráveis, devido à facilidade de ataque a estas linhas de comunicação por parte dos norte-vietnamitas.

Assim, concluímos que, durante a Guerra do Vietnã, os EUA empregaram sua Força Naval em diversas tarefas como bombardeio aéreo a partir de navios aeródromos, emprego de fuzileiros navais, apoio logístico, guerra costeira e ribeirinha. Especificamente quanto ao bloqueio naval, decidiram não utilizá-lo por questões diplomáticas.

4.3 Conclusões parciais

Verificamos então que, de forma geral, os EUA, apesar de perceberem inicialmente as peculiaridades da guerra de insurgência, decidiram empregar táticas convencionais.

Isso não foi diferente quanto ao emprego da sua Força Naval, atuando em diversas tarefas como bombardeio aéreo a partir de navios aeródromos, emprego de fuzileiros navais, apoio logístico, guerra costeira e ribeirinha. Especificamente quanto ao bloqueio naval, decidiram não utilizá-lo por questões diplomáticas.

5 CONCLUSÕES FINAIS

Neste estudo, nos propusemos a abordar o planejamento e emprego de recursos militares na guerra irregular, mais especificamente o emprego de forças navais na contra-insurgência. Para isso, utilizamos, como perspectiva teórica, a obra *Counterinsurgency Warfare – Teory and Pactice*, de David Galula. Com seu apoio, observamos como os EUA empregaram sua força naval durante a Guerra do Vietnã, entre 1965 e 1975 e, após comparar estes fatos históricos com a teoria apresentada por Galula, pudemos chegar a conclusões importantes.

Começando com um capítulo introdutório, ingressamos no primeiro capítulo de desenvolvimento, quando, inicialmente, verificamos a biografia de Galula, concluindo que a teoria formulada por ele a respeito da guerra de contra-insurgência era pertinente à proposta do nosso estudo, principalmente pela sua proximidade a conflitos de natureza ideológica comunista ou anticolonialista. Vimos também que as características da guerra convencional não são válidas para a contra-insurgência e que a ótica do insurgente é diferente da do contra-insurgente, sendo necessário que tracemos estratégias considerando esta perspectiva.

Após isso, verificamos que, neste tipo de conflito, a conquista da população torna-se o centro de gravidade. Para obter seu apoio, não basta a propaganda, sendo necessárias ações concretas que demonstrem capacidade de protegê-la e disposição para vencer o conflito. Após isso, vimos que o fator tempo joga a favor do insurgente, que utilizará sua fluidez para imprimir grandes danos a pouco custo próprio. Quanto mais tempo perdurar o conflito, mais recursos perderá o contra-insurgente. E finalmente, com foco na questão desta pesquisa, verificamos que, segundo Galula, neste tipo de conflito o emprego de forças navais se limitaria às operações de bloqueio da costa, com a função de isolamento do insurgente.

No segundo capítulo de desenvolvimento, quando realizamos uma abordagem histórica do conflito, inicialmente verificamos os acontecimentos anteriores à Guerra do Vietnã, mais especificamente a Guerra da Indochina, contra a França. Vimos que, para o povo vietnamita, os dois conflitos foram um só. Assim, quando os norte americanos chegaram, os insurgentes já estavam plenamente estabelecidos e já contavam com o apoio da população.

Passamos então a verificar, em termos gerais, os fatos ocorridos e vimos que, no princípio, os norte americanos observaram as características diferentes daquele conflito, obtendo alguns êxitos iniciais. Mas logo o pensamento militar ortodoxo convencional tomou a dianteira, quando os EUA passaram a delegar a tarefa de conquista da população ao exército sul-vietnamita, despreparado, impopular e corrupto.

Após isso, passamos a abordar como os EUA utilizaram sua força naval naquele conflito, entre os anos de 1965 e 1975. Verificamos que, por questões diplomáticas e políticas com a China, os EUA decidiram não bloquear os portos norte-vietnamitas. Com esta decisão, os norte-vietnamitas puderam contar com farto material bélico proveniente, principalmente, da Ex-URSS. Ao invés de bloquear, os EUA optaram por bombardear pelo ar, utilizando seu poderio aéreo naval, inicialmente como forma de retaliação a ataques de guerrilha sofridos, posteriormente como tentativa de levar o inimigo à mesa de negociações.

Também verificamos que os norte americanos empregaram sua tropa de fuzileiros navais, mas sem utilizar sua característica anfíbia de assalto, tomada de terreno e reembarque. Permaneceram em terra durante o conflito, basicamente provendo segurança a uma área de difícil acesso para o exército, demandando elevado esforço logístico.

Em seguida estudamos este apoio logístico de forma geral, provido pela força naval. Vimos que a base avançada nas Filipinas não era suficiente para apoiar as operações em terra, tendo sido necessário o estabelecimento de bases ao longo da costa e nos rios, bem próximo às posições do inimigo. Proteger as linhas de apoio logístico nestes rios e pequenos canais navegáveis demandou recursos consideráveis, devido à facilidade que tinha o inimigo em atacá-las. Também vimos que cortar as linhas de comunicação dos guerrilheiros, devido à elevada quantidade de embarcações e canais navegáveis no delta do Mekong era tarefa extremamente difícil.

Finalmente, no terceiro capítulo de desenvolvimento, pudemos então confrontar a teoria formulada por Galula com o que realmente ocorreu durante a Guerra do Vietnã. Assim, de forma geral, verificamos que os EUA não se preocuparam com a conquista da população, delegando esta tarefa, que, segundo Galula, era a mais importante, ao despreparado, impopular e corrupto exército sul-vietnamita. Como, mesmo antes da guerra, os guerrilheiros norte-vietnamitas já contavam com o apoio desta população e mantinham a fluidez necessária para realizar ações irregulares em todo o território por muito tempo, o ônus político foi elevado demais, até mesmo para um país poderoso como os EUA.

Especificamente quanto ao emprego da sua força naval, segundo Galula, este deveria ter se limitado às operações de bloqueio. Quão curioso nos foi verificar que isso foi, por motivos políticos e diplomáticos, justamente o que os norte americanos não fizeram. E tal decisão teve grande impacto na guerra. Não bloqueando os portos norte-vietnamitas, os norte americanos permitiram o recebimento de farto material bélico pelo seu inimigo e, ao tentar substituir o bloqueio dos portos do inimigo pela interdição do delta do Mekong, no Vietnã do Sul, depararam-se com o problema da guerrilha, que, espalhada pelo território e escondida entre a população, podia contar com diversas maneiras de receber recursos e estava em condições de atacar as linhas de comunicação norte americanas em diversos pontos.

Vimos também que, não podendo bloquear, os norte americanos decidiram bombardear, utilizando aeronaves embarcadas em navios aeródromos. Inicialmente uma estratégia de retaliação, passando a uma tentativa de levar o inimigo a negociar, tais ações mostraram-se ineficazes neste tipo de conflito.

Ao abordar a utilização de fuzileiros navais, verificamos que eles foram empregados em uma área de difícil acesso para as outras forças terrestres, o que faz sentido, a princípio. Mas sua permanência nesta área demandou elevados recursos, tendo de ser mantido do mar para a terra. Além disso, ao tomar áreas do seu entorno, talvez por sua inabilidade em manter terreno por muito tempo, permitia o retorno dos guerrilheiros.

Assim, finalizando o presente estudo, concluímos que, contrariando a teoria formulada por Galula, durante a Guerra do Vietnã, entre 1965 e 1975, os EUA não realizaram operações de bloqueio. Ao invés disso, utilizaram sua força naval para empreender operações de ataque, bombardeando o território norte-vietnamita com vetores aéreo-navais, o que, nitidamente não surtiu o efeito desejado, já que o inimigo conseguiu se adaptar, utilizando camuflagem e túneis, assim como a presença da população civil nas aldeias.

Os EUA também empregaram sua tropa de fuzileiros navais para proteção de áreas em que a força terrestre tinha dificuldade de acessar por terra, mas isso mostrou-se extremamente dispendioso em termos logísticos, já que suas linhas de comunicação, vindas da costa e passando pelos rios, em posições de fácil acesso pelo inimigo, eram extremamente difíceis de proteger. E sabemos que a economia de recursos é preciosa em uma guerra desta natureza. Além disso, os fuzileiros não se mostraram adaptados à ocupação e controle por longos períodos de terrenos conquistados além de suas bases.

Assim, concluímos que, durante a Guerra do Vietnã, entre 1965 e 1975, o emprego das forças navais norte americanas em tarefas diversas às operações de bloqueio não obtiveram êxito no que tange à guerra de contra-insurgência. Entretanto, não acreditamos que estes estudos sejam absolutos, por terem sido, em certa medida, limitados quanto à exploratória, devido ao tempo disponibilizado. Não pudemos nos focar em períodos mais limitados, onde provavelmente observaríamos comportamentos diferentes da Marinha dos EUA. Estas variações de “padrões de operação” podem ter ocorrido também em função do espaço geográfico.

Consequentemente, sugerimos, para estudos futuros, uma investigação mais focada no espaço ou no tempo, para obtenção de conclusões mais diversificadas. Sugerimos, também, que seja abordado o emprego de forças navais na guerra de contra-insurgência em conflitos mais recentes, quando as características peculiares deste tipo de guerra já estejam mais conhecidas.

Finalmente, avaliamos que a teoria formulada por David Galula permanece atual e que a presente pesquisa tem potencial em auxiliar a Marinha do Brasil, caso venha a se envolver em uma guerra de contra-insurgência, principalmente na região amazônica, pelas características geográficas semelhantes ao Vietnã na época deste estudo.

REFERÊNCIAS

FRANÇA, J. L.; VASCONCELLOS, A. C. *Manual de Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 8a ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

GALULA, D. *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*. New York and London: Frederick A. Praeger, Inc. , 1964.

MARLOWE, A. *David Galula: His Life and Intellectual Context*. 2010. 61 f. Monografia (Instituto de Estudos Estratégicos) - U. S. Army War College, Carlisle, 2010.

UHLIG, F.Jr. *Vietnam: The Naval History*. Annapolis, Maryland. United States Naval Institute, 1986.

VISACRO, A. *Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.